

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação LASEB em Educação de Jovens e Adultos

Carmen Lúcia de Cássia Pongelupe Assis

As memórias passadas e a alfabetização na EJA

Belo Horizonte

2019

Carmen Lúcia de Cássia Pongelupe Assis

As memórias passadas e a alfabetização na EJA

Trabalho para o Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos.

Orientadora: Professora Doutora Vanessa Regina Eleutério Miranda

Belo Horizonte

2019

A848
TCC

Assis, Carmen Lúcia de Cássia Pongelupe, 1964-
As memórias passadas e a alfabetização na EJA [manuscrito] / Carmen
Lúcia de Cássia Pongelupe Assis. - Belo Horizonte, 2019.
51 f.: il.

Orientadora: Vanessa Regina Eleutério Miranda.

Trabalho de conclusão de curso – (Especialização) - Universidade
Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Alfabetização de adultos. 3.
Autobiografia. 4. Recordação (Psicologia). 5. Diários. 6. Alunos – Narrativas
pessoais – Belo Horizonte (MG).

I. Miranda, Vanessa Regina Eleutério. II. Universidade Federal de
Minas Gerais. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD : 374

Catálogo na Fonte¹ : Biblioteca da FaE/UFMG
Bibliotecária² : Carmen Lúcia de Carvalho Ramos CRB/6- 2566

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma
e na diagramação gráfica da ficha catalográfica².)

Ativar o



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO DÉCIMO SÉTIMO TRABALHO FINAL DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título *As memórias passadas e a alfabetização na EJA*”, do(a) aluno(a) **Carmen Lucia de Cassia Pongelupe Assis**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Vanessa Regina Eleutério Miranda (orientador) e Marcos Evangelista Alves. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Carmen Lucia de Cassia Pongelupe Assis Registro na UFMG: 2018750571
Carmen Lucia de Cassia Pongelupe Assis

Vanessa Regina Eleutério Miranda
Vanessa Regina Eleutério Miranda
Professor(a) Orientador(a)

Marcos Evangelista Alves
Marcos Evangelista Alves
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva
Luciana Gomes da Luz Silva

Dedico este trabalho a Deus, meu marido Ananias, minhas filhas Jéssica, Lorena e Isabella, ao meu querido neto Bento e aos meus genros.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela oportunidade, saúde e disposição que nos permitiram a realização deste trabalho.

Agradeço as minhas memórias afetivas que me impulsionaram a não desistir dos meus sonhos, aos meus pais Dercy e Lúcia, aos meus irmãos João Gilberto, Cristina, Carlos Eduardo e Maria Beatriz, ao meu marido e companheiro de vida Ananias. As minhas três filhas Jéssica, Lorena e Isabella. E ao meu querido e amado neto Bento Henrique pelo sopro de vida. E aos meus genros João e Maximiliano.

Agradeço a minha querida professora e orientadora Vanessa Eleutério pelo comprometimento e apoio.

Agradeço também para todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste estudo.

RESUMO

Este projeto pretende refletir sobre quem são os sujeitos da Educação de jovens e adultos, como estes vivem e aprendem a partir de suas lembranças no ambiente escolar. Na primeira parte do texto estão a justificativa, objetivos e metodologia adotada na elaboração deste. Na sequência aborda algumas reflexões sobre transformações atuais na EJA, como a percepção da Educação de Jovens e Adultos tem sido associada a escolaridade compensatória para pessoas que não obtiveram acesso a esta escola no Brasil e no mundo, no entanto, a EJA tem de ser percebida numa perspectiva ampla, dentro do conceito de Educação e aprendizagem que ocorre ao longo da vida. Apresenta que também houve transformações no aumento do número de mulheres na EJA e que a educação é direito para todos, sem distinção de raça, gênero, religiosidade ou orientação sexual. A seguir aborda sobre a EJA no Brasil e sobre sua trajetória. A EJA em nosso país teve reconhecimento nos anos 90, a partir do trabalho de Paulo Freire percursor no estudo e defesa desta modalidade de ensino. Apresenta também outros pesquisadores atuais que estudam este tema. O próximo tema aborda sobre o significado de memória, qual sua importância na vida do sujeito e como este vive sua memória. E finaliza com o sujeito contando sua história, que ao contar algo sobre si ou algo que viveu resgata suas lembranças mais íntimas e assim por meio da história oral que está a fonte de dados da sua vida.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Sujeitos, Memória.

ABSTRACT

This project aims to reflect on who are the subjects of youth and adult education, how they live and learn from their memories in the school environment. In the first part of the text are the justification, objectives and methodology adopted in its elaboration. Following discusses some reflections on current transformations in EJA, as the perception of youth and adult education has been associated with compensatory schooling for people who have not had access to this school in Brazil and the world, however, the EJA has to be perceived. From a broad perspective, within the concept of education and lifelong learning. It shows that there have also been transformations in the increase in the number of women in EJA and that education is right for all, regardless of race, gender, religiosity or sexual orientation. Then it discusses the EJA in Brazil and its trajectory. The EJA in our country was recognized in the 90s, from the work of Paulo Freire precursor in the study and defense of this teaching modality. It also presents other current researchers studying this topic. The next theme deals with the meaning of memory, what is its importance in the subject's life and how the subject lives his memory. And ends with the subject telling his story, that telling something about himself or something that lived rescues his most intimate memories and so it is through oral history that is the source of data of his life.

Keywords: Youth and Adult Education, Subjects, Memory.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 - FOTOS DA TURMA	43
ANEXO 2 - CAPA DO LIVRO UTILIZADO NAS AULAS	45
ANEXO 3 - TEXTO COLETIVO CONFECCIONADO PELOS ALUNOS	46
ANEXO 4 - DESENHOS DA MEMÓRIA AFETIVA	47
ANEXO 5 - FORMULÁRIO DE AUTORIZAÇÃO	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Justificativa	14
2. BREVE HISTORICO DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL	17
2.1 Letramento: Um olhar.....	22
2.2 O sujeito vivenciando suas memórias.....	22
2.3 O sujeito contando sua história.....	25
3. O CONTEXTO DA ATIVIDADE PEDAGÓGICA.....	27
3.1 A Escola	27
3.2 Minha escolha.....	28
3.3 Caracterização da turma / sala de aula	30
4. ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	32
4.1 O Desenvolvimento do Projeto / Dia a dia.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXOS.....	43

1. INTRODUÇÃO

Eu me chamo Carmen Lúcia, sou a filha mais velha de uma família de cinco filhos. Meus pais Dercy e Lúcia não incentivaram os filhos a estudar, por questões financeiras e por não verem futuro nos estudos, graduação e outros. Este não era um assunto que pertencia o cotidiano de minha família. Porém, lembro-me do meu primeiro dia de aula, minha mãe me levou para a escola, um mundo desconhecido por mim. Memória afetiva me lembra com carinho este dia, o cheiro da minha professora e como ela era bonita. O nome dela era Helena, que me recebeu na porta da sala de aula, muito sorridente e contente com a minha chegada. Lembro-me de aprender a “ligar os pontinhos” formando círculos, quadrados e as letras do meu nome. Na adolescência lembro-me de assistir ao filme “Ao Mestre com Carinho”, na presença do meu pai. Neste dia, entendi que minha vocação seria à docência. Porém, como meus pais tinham muitos filhos, ainda existia a falta de incentivo por parte deles, consegui por meio do meu tio Beni, policial, uma vaga no Colégio Tiradentes, lá convivi diariamente com outros jovens que sonhavam com a graduação. Cursei somente até a 8º série do ensino regular.

Quando completei 23 anos, me casei com o Ananias. Aos 24 fui mãe pela primeira vez, minha filha Jéssica. Aos 27 pela segunda, Lorena. Quando completei 30 anos, meu pai que dizia ter uma filha que seria professora, me ofereceu ajuda, olhar as minhas filhas para que eu concluísse meu sonho de adolescência, ser enfim professora. Me matriculei no curso de ensino médio, o magistério. Meu pai me ofereceu dinheiro para comprar o material e pagar a matrícula. No primeiro dia de aula, era também celebrada a missa do meu pai de sétimo dia de falecimento interrompi mais uma vez meu sonho de menina.

Aos 31 anos, decidi que era hora, que deveria tomar conta do meu sonho e lutar por ele. Iniciei o curso de Magistério, na Escola Estadual Cândido Portinari. Conclui esta etapa com 33 anos de idade.

Após o período de formação no magistério, cuidei das minhas filhas, e lecionei em casa, com aula de reforço para crianças em recuperação. Aos 35 anos, fui mãe pela terceira vez, Isabella.

Aos 37 anos, no ano de 2002, prestei vestibular e ingressei com muito orgulho na Fundação Helena Antipoff, Instituto Anísio Teixeira. Na mesma época, tentei ingressar na UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, porém, fui diagnosticada com um tumor nas costas, me impedindo de realizar o concurso para ingresso no ensino superior pela UFMG. O curso feito por mim foi o Normal Superior.

No ano de 2004, atuei no projeto da Prefeitura de Belo Horizonte, Brasil Alfabetizado, foi um ano desafiador, em uma comunidade carente, no espaço da Comunidade Católica São Vicente de Paula, lecionei para uma turma de jovens senhores da faixa etária de 65 a 80 anos. Me lembro com carinho dessa época, ver a emoção dos jovens senhores ao assinar o seu nome ou ler uma notícia. Uma experiência muito rica.

Em 2005, assumi minha primeira sala onde eu era professora regente. Era um primeiro ano problemático, numa escola periférica com alunos que outras professoras não queriam. Era uma turma formada por 30 alunos de sete anos, sendo 19 meninas e 11 meninos. Alunos oriundos do aglomerado da Ventosa, região Oeste de Belo Horizonte. Era uma escola estadual possuindo apenas cinco turmas. Estes alunos entraram para a escola aos seis anos. E já possuíam um histórico de violência, trabalho infantil, iniciação ao tráfico de drogas por meio do serviço de “aviãozinho” e abuso sexual. Eram alunos com séria defasagem na aprendizagem, pois devido a todos estes fatos as aulas eram ofertadas no turno da manhã, onde o rendimento da grande maioria não acontecia como era previsto. Foi um ano difícil, com muitas dificuldades, mas além de ensinar, pude aprender muito. No ano de 2008, prestei o concurso para a prefeitura de Belo Horizonte para Professora de Educação Infantil.

Enquanto estive trabalhando pelo cargo que investi na Prefeitura de Belo Horizonte, atuei na biblioteca de uma escola de educação infantil, a qual possuía apenas crianças. Até este momento não tinha tido contato com alunos da EJA, mas em conversa com colegas que trabalham com esse público, percebi que muito pouco material didático é destinado a esse público.

Os desafios encontrados na Educação de Jovens e Adultos – EJA são muitos e a alfabetização talvez seja o principal, devido à falta de materiais didáticos e formação continuada dos professores que atendem a esta modalidade de ensino.

Assim, então, como desenvolver a leitura com estudantes em etapas como a alfabetização? Acredito que através de estímulos, resgate das histórias trazidas por eles e a valorização da cultura de cada aluno. Criando neste aluno uma visão de conteúdo diversificados juntamente com a sua interação social, estimulando a sua imaginação.

Ao iniciar este estudo o que me despertou para a escrita foi o questionamento de como ocorre o processo de alfabetização de jovens e adultos na EJA e de como posso usar a memória como um instrumento para auxiliar estes alunos a se alfabetizar.

Tendo em vista a educação como uma prática social e sendo a escola um espaço educativo que atende crianças, adolescentes e adultos e que propicia o processo de escolarização, logo, se torna um fator chave para o indivíduo se transformar em cidadão. Quando este espaço cumpre apenas uma função de somente repassar informações se torna um espaço apenas de passagem e não um local de transformações.

“A educação é um fato de ordem consciente. É determinada pelo grau alcançado pela consciência social e objetiva suscitar no educando a consciência do processo de globalização tem trazido consigo a emergência do paradigma tecnológico que afirma como tendência a construção de um novo trabalhador, qualificado e escolarizado” (PINTO, 2000, p.33).

Desta forma, percebemos como se torna importante ajudar este aluno a alcançar uma consciência social através da alfabetização. Todas as modalidades de ensino são capazes de fazer isso acontecer, mas na EJA penso que este processo se faça mais necessário. Geralmente, o público desta modalidade é formado por pessoas que não tiveram acesso ou oportunidade de ensino na idade “certa”, ou seja, pessoas da classe trabalhadora que não tiveram acesso à escolarização na idade considerada adequada; a infância.

Assim sendo, a escola passa a oferecer para estas pessoas a oportunidade de educação para colaborar na ampliação da formação do aluno trabalhador. A inclusão e a educação são o foco principal desta acolhida, mas também, não podemos esquecer do resgate de uma dívida social, cultural historicamente acumulada sofrida por essa parcela de alunos na EJA. Muitos alunos da EJA ou a grande maioria, não tiveram acesso a uma biblioteca ou tão pouco a informação provinda deste espaço. Alguns por falta de oportunidade, outros por incentivo, mas na verdade é que um trabalho com essas pessoas tem tanta importância quanto atender aquelas que já vivem a era das bibliotecas virtuais, ou seja, sem paredes e também de livros sem páginas.

Nesta expectativa penso que devemos criar motivação para despertar a atenção e o desejo em estar neste espaço de aprendizado, trocas de experiências e acesso as novas tecnologias. Despertando nestes alunos o prazer de aprender, não necessariamente precisam escrever, podem ouvir, ler ou usufruir do momento em que estão neste contexto. Pensando por este, acredito que promover um encontro literário entre os alunos aonde cada um contaria a sua própria história, para que desta forma cada aluno dos anos iniciais da EJA se conheça um pouco mais. Também poderia haver um projeto de roda de leitura, para motivar a troca de experiências de leitura entre professor e alunos.

A proposta para que aconteça a interação entre os sujeitos é possibilitar que cada um possa ser autor da construção do seu próprio conhecimento. Assim sendo acredito que cada aluno possa estar motivado a produzir de forma oral a sua história buscando assim o resgate da sua identidade e memória.

“Os objetivos da educação de jovens e adultos, vistos como um processo de longo prazo, desenvolvem a autonomia e o senso de responsabilidade das pessoas e das comunidades, fortalecendo a capacidade de lidar com as transformações que ocorrem na economia, na cultura e na sociedade como um todo; promove a coexistência, a tolerância e a participação criativa e crítica dos cidadãos em suas comunidades, permitindo assim que as pessoas controlem seus destinos e enfrentem os desafios que se encontram à frente” (UNESCO,1997,p.20).

O sujeito como sendo construtor da rede de conhecimento em que está inserido, torna-se mais engajado aos desafios constantes no processo ensino aprendizagem e assim, busca além de aprender, compreender, desenvolver de forma mais assertiva e engajada.

1.1. Justificativa

Segundo Paulo Freire, na EJA, o que deve ser valorizado são as trocas de experiências entre alunos e professores, aluno e aluno e entre alunos e escola. Para Vygotsky (1996 *apud* CARVALHO, 2008, p. 34) “a origem das formas superiores de comportamento consciente deve ser achada nas relações sociais que o homem mantém”. Entendo que o uso da memória seja uma grande ferramenta para que ocorra a alfabetização na EJA de uma forma lúdica, pois, o indivíduo ao resgatar as suas lembranças pode ser motivado ao desejo de expressar a sua lembrança por meio da escrita e assim ocupar o seu lugar no meio social a que está inserido.

Outro fator importante a ser refletido é como as experiências vivenciadas são significativas para a formação do sujeito. Pois o conhecimento é adquirido através da interação social. Ele é constituído a partir da relação do indivíduo, com experiência de vida, com valores, com crenças a partir de uma crítica social do homem com o mundo. Assim sendo, o aspecto social da aprendizagem diz respeito aos valores e aspirações coletivas, bem como à diversidade pedagógica que se pode ter no amplo alcance. Isso requer responsabilidade e compromisso por parte de todos os envolvidos no processo educativo. Desta maneira, a educação se torna um ato de criação e recriação dos valores destes sujeitos com mecanismo de compreensão da estrutura social, da conscientização e transformação da sua história.

A educação é também um ato coletivo e solidário e nunca se dá isoladamente. “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1981, p.79). Nesse sentido então, verificamos que a construção do saber não acontece de forma homogênea e sim de forma heterogênea, constituindo-se em um processo onde os movimentos de dúvida e os erros cometidos devem ser utilizados para se chegar a um sistema de

desenvolvimento entre as pessoas. Quando trocamos experiências percebemos como cada indivíduo lida com suas dúvidas e seus erros.

O sujeito, ao chegar na escola, traz em suas experiências a relação individual com a leitura que também é um processo contribuinte para a alfabetização do mesmo. Como tratar da Educação de Jovens e Adultos (EJA), do ponto de vista da leitura, como transformadora do cidadão enquanto sujeito que atua na sociedade. Podemos dizer que o professor da EJA tem, em sua postura enquanto mediador do conhecimento, um papel de grande relevância, que propicia ao educando, que, por meio da leitura terá uma visão de mundo, ampliar seus saberes, a fim de compreender outros aspectos culturais e sociais da sua própria vida e da sociedade na qual está inserido.

Desta forma é importante partir da história construída por este indivíduo que cursa a modalidade EJA. O professor deve criar estratégias para que este sujeito amplie seu leque de conhecimentos sobre o mundo em que vive e atua. Entendemos que isso só é possível através de leituras significativas que façam parte de sua vivência e de seu cotidiano.

Assim, acredito que a Educação de Jovens e Adultos seja um espaço ideal para que aconteça este encontro entre o sujeito e palavras lidas. Penso que muito da baixa-estima que acontece entre a população atendida pela EJA seja justificada pelo fato do pouco incentivo em conhecer a história de cada um destes sujeitos. O ato de ler é tão prazeroso para alguns se torna um calvário para outros, ou seja, o que pode favorecer que aqueles que tenham mais dificuldades estejam sempre à beira do caminho, marginalizados. A escola é um importante espaço onde se pode contribuir para a formação de sujeitos pensantes e reflexivos. Seres capazes de olhar para o ontem e trazer para o hoje suas memórias de vida, de conhecimento e, acima de tudo, refletir sobre esse lugar do próprio ser como indivíduo de sua história.

Na Educação de Jovens e Adultos, o diálogo entre os envolvidos, educadores e educandos, no processo é algo fundamental, pois, visa a interação entre eles de forma mais próxima que em outras abordagens educacionais. O diálogo favorece um maior envolvimento entre estes indivíduos. Para Paulo Freire (1978, p.93), “o diálogo é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao

mundo a ser transformado não pode reduzir-se ao ato de depositar ideias de um sujeito para outro".

O diálogo deve existir sempre pois quando trocamos ideias estamos aprendendo e ensinando, estamos vendo o mundo com o olhar do outro, ou seja, estamos dando voz para que o outro mostre qual são seus valores e conhecimentos. Para Carvalho (2008, p.28), "a educação dialógica social dos alunos, ou seja, a educação tem uma razão concreta de existir, tem utilidade de prática".

Freire (2005, p.78) afirma, ainda, que "desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa". Ambos, assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os "argumentos de autoridade já não valem". De acordo com Solé (1988)

"Ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é sobretudo uma atividade voluntária e prazerosa e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta os alunos e professores devem estar motivados para aprender e ensinar a ler" (p.91).

Acredito que a leitura surge para as pessoas por um conjunto de conhecimentos prévios, de comportamentos individuais e coletivos e de habilidades que vão acontecer com este diálogo que acontece de forma espontânea entre os indivíduos. A leitura abrange "desde capacidades desenvolvidas no processo de alfabetização *Stricto Sensu* até capacidades que habitam o aluno a participação ativa nas práticas sociais letradas que contribuem para o seu letramento.

Este trabalho teve como objetivo central despertar nos alunos o interesse em usar a memória como forma de troca de experiências para a alfabetização. Para tanto, ao longo da prática pedagógica desenvolvida, buscamos valorizar a memória e experiência de cada sujeito, considerando toda a experiência prévia que ele vivenciou, anterior ao contato com o ambiente escolar. Buscamos, ainda, favorecer o desenvolvimento e habilidades nos sujeitos inseridos na EJA, que possibilitam o relato de forma lúdica da sua própria experiência em relação aos textos apresentados, tornando-o autor da sua própria construção do conhecimento.

2. BREVE HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

Analisando a história do Brasil, desde sua colonização, no século XVI, com a chegada dos jesuítas em 1549, iniciou-se no país o processo de alfabetização, assim o ensino das primeiras letras para os nativos e filhos dos colonos. Os jesuítas se voltaram a estabelecer escolas e ensinar as crianças e também os adultos a ler, escrever, a contar e a cantar. Dessa forma, os jesuítas catequizavam os índios e promoviam a aculturação dos mesmos, revelando sobre estes a cultura europeia e a religião cristã. Estes mantiveram o monopólio do ensino colonial durante séculos.

Em seu artigo *História da Alfabetização: perspectivas de análise*, Maciel (2008, p. 243) “no decorrer de todo o século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o termo mais comum para designar o ensino das primeiras letras, como também todo o processo de escolarização, era instrução”.

O termo instrução foi utilizado inicialmente para designar o ensino das primeiras letras, posteriormente, já no século XX designava todo o processo de escolarização, o que já alertava para uma alteração no sentido da terminologia.

Entre as décadas dos anos 1880 a 1920, no período do Império brasileiro aprender a ler era entendido como uma possibilidade de aquisição de novos e variados conhecimentos. Escrever estava ligado muito mais a um ato de boa caligrafia que a um meio de se comunicar. No país, neste momento haviam cerca de 80% de analfabetos, por isso foi instaurada uma lei, a Lei Saraiva de 1882, que proibia o voto dos analfabetos.

Entre os anos de 1920 a 1980 surgiram os Testes ABC. Mortatti (2000), denominou este período como a bússola da educação. Por meio destes testes, acreditava-se que era possível medir e aferir o nível de maturidade necessário ao processo de alfabetização. O objetivo dos testes era homogeneizar as salas de aula. Dessa forma, os alunos que possuíam os pré-requisitos aferidos nos testes eram encaminhados para as salas de alfabetização e aqueles que ainda não se apresentavam preparados, eram organizados em salas de pré-alfabetização.

A obra Testes ABC, composta de oito provas, esteve presente no cenário educacional brasileiro entre as décadas de 1920 e 1970. Foi considerada a primeira pesquisa científica brasileira a conceber o processo de alfabetização como aquisição simultânea da leitura e da escrita.

Durante a Ditadura Militar, que durou de 1964 a 1985, houve diversas mudanças no sistema educacional e, durante o chamado período tecnicista, ampliou-se a distância entre teoria e prática. Os Testes ABC eram utilizados para classificar os educandos em aptos ou inaptos ao processo de alfabetização.

Entretanto, no mesmo período, os ideais de Paulo Freire já estavam sendo disseminados. Freire (2011) propunha um processo de alfabetização no qual prevalecia o significado da palavra. Propunha uma alfabetização por meio da leitura do mundo no qual o indivíduo estava inserido. Assim, por meio desses novos ideais, o educador organizou e difundiu cursos de alfabetização de adultos através de círculos de cultura.

Por meio da Pedagogia Freireana, o professor assumiu um novo papel no ensino, ele se tornou o mediador do círculo, ou seja, educandos e educadores juntos liam, debatiam e construíaam a leitura e a escrita.

Segundo Germano (1997, p. 389) a cidade de Angicos

“tornou-se uma palavra emblemática para todos aqueles que se interessam pela educação popular. A cidadezinha localizada no sertão do Rio Grande do Norte foi o palco em que, pela primeira vez, Paulo Freire, em princípios de 1963, pôs em prática o seu famoso método de alfabetização de adultos”.

A partir dessa experiência Paulo Freire iniciou a sua trajetória com a educação das camadas populares. Ele percorreu pelo o mundo, por mais de cinquenta países, lecionou na Universidade de Harvard, teve o livro Pedagogia do Oprimido traduzido em dezessete línguas.

Em seu artigo *Questões de atualidade na educação popular*, Beisiegel (2000, p. 8) nos apresenta em sua reflexão que se considerarmos a constituição federal de 1988, muito pouco foi feito neste sentido para atender a estes alunos pertencentes a educação de jovens e adultos. “A constituição federal de 1988 estendeu a garantia de ensino fundamental gratuito e obrigatório para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria”. O que percebemos o não cumprimento deste direito adquirido por estes sujeitos o que se percebe hoje é ainda a pouca execução deste direito.

O analfabetismo sempre esteve presente no contexto histórico do Brasil, sendo considerado um dos fatores de subdesenvolvimento que impedia o desenvolvimento econômico do país.

Assim sendo, a alfabetização era uma questão de importância nacional. A proposta de Freire demonstrava que o processo não pode acontecer como algo mecânico para os diferentes sujeitos. Pois, além da alfabetização preparar pessoas para o mercado de trabalho, ela é também um processo de transformação de consciências. Desta forma, considerando os argumentos de Paulo Freire, os sujeitos da educação não podem ser colocados dentro de um “depósito” de letras, palavras e sílabas, pois, isso não vai ser o suficiente para que aconteça a alfabetização e o desenvolvimento da consciência crítica. Para tal é necessário que o indivíduo esteja envolvido com o processo de se aprender a ler e escrever.

Não basta apenas “depositar” mais sim auxiliar a compreender como este mecanismo da alfabetização acontece? Aprender a ler e a escrever são duas competências distintas, e se requer habilidades diferentes para que o indivíduo alcance estas habilidades. Para Soares “a alfabetização, atualmente, é entendida como a aprendizagem de um sistema de representação da cadeia sonora da fala pela forma gráfica da escrita – O sistema alfabético – e das normas que regem seu emprego”.

A alfabetização para acontecer, os pares devem estar envolvidos um com o outro, professor/aluno, aluno/aluno. A troca de informações entre esses pares deve acontecer espontaneamente, pois o aprendizado da leitura e da escrita não pode ser feita como algo paralelo ao cotidiano do educando. Assim a alfabetização de jovens e adultos por muito tempo foi infantilizada, ou seja, se usava material destinado ao

ensino das primeiras letras das crianças para o aprendizado dos mais velhos. Não se levava e ainda não se leva em conta as experiências trazidas por estes alunos jovens e adultos.

“A infantilização de textos e atividades era em muitos casos, ainda persiste – repassada a jovens e adultos, sem levar em conta seus conhecimentos e ciclos de vida, suas experiências e expectativas, seus desejos e suas necessidades em relação ao aprender a ler e a escrever”. (MACIEL, 2008)

A alfabetização consegue desenvolver a capacidade de socialização do indivíduo, uma vez que possibilita novas trocas simbólicas com o seu meio, e ainda possibilita o acesso a bens culturais e outras facilidades da aquisição de conhecimento para o desenvolvimento da sua cidadania. Assim, este indivíduo cria uma nova visão crítica da sociedade e passa a observar e a se posicionar dentro deste contexto social.

A alfabetização se define como um processo do ensino de aprendizagem aonde se desenvolve as habilidades da escrita e da leitura de forma adequada e a utilização dessa habilidade como um código (maneira) de se comunicar com o outro dentro do seu meio.

Este processo acontece geralmente no início da vida escolar do indivíduo. Com o desenvolvimento dessas habilidades o indivíduo compreende textos e a linguagem como um todo, também a operação dos números necessárias para os avanços escolares.

Quando estes processos não acontecem, ou seja, as habilidades da leitura e da escrita não são adquiridas dissemos que este indivíduo é analfabeto ou possui iliterácia. O entendimento de textos simples chamada de analfabetismo funcional ou semianalfabetismo, como também dificuldades em fazer cálculos matemáticos e a escrita de palavras, frases não são habilidades adquiridas por este sujeito embora saibam reconhecer letras e números são incapaz de compreender a lógica deste procedimento em sua essência.

“Para se ter acesso ao mundo da leitura e da escrita e nele poder viver, são necessários dois passaportes: o domínio da tecnologia da escrita – o sistema alfabético e ortográfico – passaporte que se obtém com o processo de alfabetização; e é preciso ter desenvolvido competências de uso dessa tecnologia” (SOARES, 2006, p.3).

O analfabetismo acontece no Brasil nos dias de hoje com cerca de 8,7 milhões de jovens e adultos em todo seu território segundo o Portal do MEC. No país ele cai de 11,5% para 8,7% nos últimos oito anos. Este fenômeno social acontece pelas desigualdades sociais no Norte e no Nordeste este índice ainda pode ser maior. Historicamente este índice varia, pois, com as criações de programas tais como Brasil Alfabetizado criado pelo Governo Federal, estes números oscilam de tempos em tempos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o perfil dos brasileiros analfabetos são idosos, que na juventude não tiveram oportunidade de frequentar uma escola. Este é um alto índice para os nossos dias, mas para amenizar um pouco estes números se criou termos para a alfabetização como, por exemplo, alfabetização funcional.

Este termo alfabetização funcional aparece em meado dos anos 30 nos Estados Unidos da América para auxiliar soldados que apesar de saberem um pouco sobre a linguagem escrita, não possuíam habilidades suficientes para compreender os comandos escritos que recebiam para realizar suas obrigações militares. De acordo com Vóvio¹

“Com origem na década de 1930, nos Estados Unidos, a expressão *alfabetização funcional* deriva da constatação de que recrutas do exército norte-americano, apesar de possuírem conhecimentos sobre a língua escrita nem sempre conseguiam compreender instruções escritas a fim de realizar suas tarefas militares. Foi a partir da década de 1960, no âmbito da Unesco e da Organização dos Estados Americanos (OEA) que o termo passou a ser mundialmente difundido, quando se estabeleceu um amplo consenso em torno do enfrentamento do analfabetismo e da promoção da Educação e da alfabetização, tomados como catalisadores de mudanças de ordem econômica e social em países subdesenvolvidos”. (VÓVIO, 2008)

¹ ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL. In: VÓVIO, Cláudia Lemos. **Glossário CEALE**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: FAEMG.

2.1. Letramento: um olhar

No glossário “CEALE”² a definição do termo letramento³ por Soares

Letramento é a palavra que corresponde a diferentes conceitos, dependendo da perspectiva que se adote: antropológica, linguística, psicológica, pedagógica. É sob esta última perspectiva que a palavra e o conceito são aqui considerados, pois, foi no campo do ensino inicial da língua escrita que letramento – a palavra e o conceito – foi introduzido no Brasil. (CEALE; SOARES)

Então o que seria letramento na perspectiva da Alfabetização pelo indivíduo. Seria a aquisição de habilidades diferenciadas para a apropriação da leitura e a escrita. Segundo Magda Soares (1999, p.18) “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequências de ter-se apropriado da escrita”.

Acredito que não basta apenas saber ler e escrever, mas sim saber fazer uso deste instrumento como um ponto favorável as suas conquistas diárias, quando um cidadão analfabeto adquire a condição de se comunicar na sociedade através da leitura e da escrita este deixa de ser marginalizado pois, dispõe agora da técnica necessária para se expressar. Numa sociedade aonde o mercado escrito e lido acontece em todos os lugares, este sujeito para se sentir pertencente a esta realidade ele se angustia e se cobra por não ter se alfabetizado puxando assim para se a responsabilidade e a culpa por não ter acesso aos bens culturais de uma sociedade letrada e exclusiva para as pessoas que não são analfabetos ou seja cidadãos que não possuem o analfabetismo.

2.2. O sujeito vivenciando suas memórias

Nestes últimos anos, ocorreu um grande avanço nos estudos destinados a memória e a sua importância para o sujeito e sua vida social.

² CEALE; Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita é um órgão complementar da Faculdade de Educação da UFMG, criado em 1990, com o objetivo de integrar grupos interinstitucionais voltados para a área de alfabetização e do ensino de Português.

³ LETRAMENTO. In: SOARES, Magda. **Glossário CEALE**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: FAEMG.

Quando pensamos na memória, pensamos em seu significado para a nossa vida. Memória significa conversação, formação, aprendizado, tradição. Ao recordar acontecimentos pesados fazemos uma ligação a fatos aprendidos por nós e esta aprendizagem nos faz ser o que somos, não somos aquilo que não aprendemos, porque podemos fazer aquilo que não nos foi ensinado. A memória do sujeito é algo que o liga, a sua cultura, sua história, sua essência.

“A herança legada pelas experiências de educação de jovens e adultos inspiradas no movimento de educação popular não é apenas digna de ser lembrada e incorporada, quando pensamos em política e projetos de EJA, mas continua tão atual quanto nas origens de sua história, nas décadas de 50 e 60, porque a condição social e humana dos jovens e adultos que inspiraram essas experiências e concepções também continua atual (...) em tempos de exclusão, miséria, desemprego, luta pela terra, pelo teto, pelo trabalho, pela vida. Tão atuais que não perderam sua radicalidade, porque a realidade vivida pelos jovens e adultos populares continua radicalmente excludente.” (ARROYO, 2001, p.11 *apud* VIEIRA, 2006, p. 7).

A memória é um dos bens mais indispensáveis a vida do sujeito. Algumas lembranças podem durar segundos, minutos, mais tem outras que duram pela vida toda, quando vimos alguma imagem ou passamos por pessoas pela rua, nossa memória não “grava” tudo, pois afetivamente estas imagens não nos marcam. Mas, se vivemos um encontro afetivo este nos acompanhará por muitos anos. A memória não suporta armazenar muitas lembranças o que não aprendemos são esquecidas. Diz Noberto Bobbio, em o tempo da memória, que “dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos.” (Bobbio, 1997, p.30).

Sabemos que a memória humana está ligada a função cerebral. A nossa memória se divide em memória a curto prazo e a memória a longo prazo. Não nos recordamos de acontecimentos com exatidão e de uma forma clara, certos detalhes de um acontecimento podem ser lembrados e outros não, porque a mente humana não é capaz de suportar minuciosamente com tudo que aconteceu.

Para Pollack (1992, p.2) *apud* Costa (2014, p. 76), a memória é constituída de alguns elementos. “Em primeiro lugar acontecimentos vividos pessoalmente”. São os eventos que a própria pessoa vivenciou.

Cada sujeito vivencia suas lembranças de forma individual, ou seja, como ser único guardamos em nossa memória fatos/acontecimentos que norteiam a nossa história. Ao nos depararmos com lembranças felizes e tristes na nossa história travamos uma luta contra o esquecimento. Pois nem tudo pode ser lembrado nos seus detalhes. Ao recordar o passado, o sujeito o vivencia com um olhar amadurecido, pois, vivendo no presente consegue analisar melhor as situações vivenciadas no passado. Os sujeitos que pertencem a um grupo, tendem a se lembrarem de uma memória coletiva. Irmãos de uma família sempre que possível, trocam suas memórias familiares, muitas vezes um irmão começa a contar e os outros completam a fala do outro, mas nem sempre a mesma história tem importância para todos do mesmo jeito.

“A memória individual, às vezes, confunde-se com a coletiva, pois pode apoiar-se sobre ela em situações que precise confirmar algumas de suas lembranças ou dar-lhes precisão, e mesmo para preencher algumas de suas lacunas. A memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas.” (ALENCAR, 2005, p. 108 *apud* COSTA, 2014, p. 80.)

Ao contar sua história o indivíduo transmite suas lembranças, assim surgem duas memórias: a autobiografia, íntima e individual, como diz Halbwachs, “no contexto de sua personalidade ou de sua vida pessoal” (op, cit, p.71), é a histórica, social e coletiva que expomos nosso passado, íntimo e pessoal. Assim, ao expor nossas lembranças para o outro, este também toma posse da nossa história.

Esta memória é histórica pois pertence a um espaço e há um tempo vivido. Não existe memória senão daquilo que passou. E não existe memória de tempo presente, mas sim do passado, do que aconteceu, que foi vivenciado individualmente. Com o passar do tempo vamos acumulando as lembranças históricas; os acontecimentos que marcaram nossa vida, serão lembrados.

Pierre Archard diz (2010, p. 25 *apud* COSTA, 2014, p. 83) faz uma observação necessária “(...) para que haja memória é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância”.

Além da memória individual é fundamental se ter em mente a memória social, que é aquela que possui caráter social na construção da memória humana. Durkheim (1985), estudioso da memória individual versus memória coletiva, afirma em seus trabalhos que não devemos reduzir a memória mental à memória física, sendo assim não é possível se reduzir a memória coletiva a aspectos individuais. Todavia, Halbwachs (1956) se opõe claramente entre o psicológico e o social, introduzindo do debate sobre a memória questões do tempo e da história.

Sob a perspectiva sociológica sobre a memória, quando “falamos nossas lembranças antes de evocá-las; a linguagem e todo o sistema de convenções sociais que lhe é solidário permitem, a cada instante, reconstruir o nosso passado” (HALBWACHS, M. Op. Cit., p. 279).

“A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”. (BOSI, 1994 *apud* HALBAWCHS, p. 54)

2.3. O sujeito contando sua história

O falar acontece com todos para se comunicar, expressar sentimentos, pensamentos, diálogos, fazemos desde de muito pequenos, e vamos reproduzindo este ato de falar por toda nossa vida. Aprendemos a ouvir as pessoas e também esperamos que as pessoas nos ouçam. Sentimos necessidade de contar nossa história e assim marcamos nossa identidade. Segundo Queiroz (1988, p.19 *apud* VIEIRA, 2006, p. 24), nossa história oral pode ser “a experiência afetiva dos narradores, mas também recolhe destas tradições e mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo, assim como relatos que narradores de estórias, poetas, contadores, inventam num dado momento”.

A história oral de cada sujeito contada resgata suas lembranças mais íntimas, suas dores, alegrias, medos, enfim, traz novamente à tona acontecimentos vivenciados e que lhe proporcionam experiência para enfrentar a vida presente.

É no sujeito através da história oral, que está a fonte de dados da sua vida, história e trajetória, mas este sujeito está inserido em uma sociedade que muitas das vezes o excluí, fazendo com que sua voz contada através de sua história não apareça ou simplesmente se perca em meio as outras histórias. Para Franco Ferraroti (1988, p. 26 apud VIEIRA, 2006, p. 28) “Se nós somos, se todo indivíduo é a reapropriação singular do universo social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de umas práxis individuais”.

3. O CONTEXTO DA ATIVIDADE PEDAGÓGICA

3.1. A Escola

A Escola Municipal Francisca de Paula situada na região oeste de Belo Horizonte, iniciou suas aulas de acordo com a gerência de funcionamento da Secretaria Municipal de Educação em 03 de agosto de 1971 e foi fundada pelo decreto 2084 em 14 de outubro de 1971. Naquela época, com a direção de Maria de Lourdes Alves a escola possuía apenas oito salas de aula e atendia os alunos do ensino fundamental até a 4ª série.

Após 43 anos, a escola possui hoje dezessete salas de aula convencionais e atende as seguintes modalidades do ensino fundamental: primeiro e segundo ciclo nos turnos matutino e vespertino e desde 1993 o ensino regular noturno, denominado Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Desde a sua fundação várias gerações de alunos, professores e funcionários fizeram parte do Francisca de Paula e com certeza guardam boas recordações destes tempos. Atualmente a instituição conta com a direção de Lindomar da Silva e Márcia Rios.

Ao analisar a trajetória da Escola Municipal Francisca de Paula, logo se percebe que em todos estes momentos sempre houve um objetivo central e que persiste até hoje: promover um ensino de qualidade e que contribua para a formação de cidadãos participantes na vida socioeconômica, política e cultural. Atendendo o público estudantil da região oeste de Belo Horizonte. Trata-se, em geral, de uma escola que tem como recordações, várias gerações de alunos, professores e funcionários.

A Escola Municipal Francisca de Paula é considerada grande, atualmente comporta um total de 1259 alunos regularmente matriculados. Sua primeira direção foi com a administradora Maria de Lourdes Alves. Quando criada a escola atendia somente os alunos do pré-escolar até a 4ª série do primeiro grau, atualmente, a escola oferece nos turnos matutino e vespertino o ensino fundamental do 1º ano ao 6º ano (antiga 5ª série) e a noite a modalidade educação de jovens e adultos (1ª a 8ª série). A escola possui mais de 120 funcionários, dentre eles: um diretor, uma vice-diretora, uma

secretária, auxiliares de secretaria, gestores da caixa escolar, coordenadores, professores, auxiliares de apoio à inclusão, auxiliares de biblioteca, cantineiros, faxineiros, vigias, artífice, monitores de oficina e porteiros.

3.2. Minha escolha

Ao pensar no projeto a escolha da escola aconteceu devido ao conhecimento que tenho da turma de alfabetização existente. Já havia trabalhado na escola com a educação infantil. E quando estávamos no intervalo escutava a conversa da professora que trabalhava a tarde e à noite na turma da EJA. Quando surgiu a oportunidade de conhecer esta sala, não tive dúvidas faria lá a execução do projeto, já pensei como iria fazer as atividades, e acreditei que o projeto seria de grande ajuda para a professora, assim sendo, fui ao encontro dela e disse que gostaria de conhecer os sujeitos da EJA, quais as lembranças trazidas por estes sujeitos e de como poderia desenvolver habilidade da leitura e escrita através das lembranças.

Ao ouvir sua própria história colocamos esse sujeito de frente com ele mesmo e com os novos olhares e novas perspectivas para a solução de seus problemas, ouvir sempre é fácil o difícil é falar de si mesmo e enfrentar seus próprios medos por este motivo acreditamos que devemos incentivar e valorizar sempre o outro a falar de si mesmo para se lançar no mundo. Segundo Paulo Freire (2006, p. 11) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”.

Neste trabalho procuro esclarecer algumas questões que me chamaram a atenção no decorrer da minha trajetória acadêmica. Enquanto aluna de graduação tive o interesse de me tornar uma pesquisadora, no entanto, este desejo ficou acalentado por vários anos e agora acredito ser o momento para que este sonho tome forma e se realize através de um estudo aprofundado sobre a educação de jovens e adultos.

Mediante essas questões, a razão pela a qual busco ouvir a voz destes alunos e através de seus questionamentos, histórias, lembranças, pensar em uma estratégia voltada para as suas necessidades e não somente copiar uma Pedagogia que já existe e é voltada para alfabetizar crianças no chamado “tempo certo”.

Em minha atuação profissional, sempre procurei ouvir meus alunos, ouvir suas histórias e experiências, mas desenvolvendo um projeto para o curso de especialização em EJA que estou atualmente cursando, tive contato mais direto com uma turma de alfabetização de jovens e adultos na EJA e percebemos que os materiais didáticos para este público ainda não são voltados para a alfabetização dos alunos da EJA.

A escolha deste tema, portanto, justifica-se frente a realização de uma atividade de campo, com entrevistas e coletas de dados sobre suas histórias e memórias para a confecção de um livro contando estas histórias, sobre quem são os sujeitos da EJA com faixa etária entre 21 e 80 anos e quais são suas memórias.

Assim, considerando as mudanças ocorridas em nossa sociedade, muita coisa não mudou na modalidade da educação de jovens e adultos, principalmente no que se refere a produção de material didático apropriado para este público.

Comungo com a ideia de Paulo Freire de que somos seres humanos incompletos, conscientes do inacabamento, por isso estamos constantemente aprendendo. Segundo Freire (1987, p.73), “aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um que fazer permanente”.

Procuro compreender como estes sujeitos vivenciam e aprendem com suas lembranças no âmbito escolar. Cada sujeito tem características diferentes um dos outros. O jeito de se colocar no mundo, de enfrentar suas mazelas e suas alegrias, define cada ser, a isso nomeamos de “perfil”.

Sendo assim, compreendo que cada indivíduo é um ser único e merecedor de alcançar seus objetivos pessoais a alfabetização é um destes objetivos pessoais, pois, quando somos capazes de ler e escrever conquistamos uma posição no meio social. Na modalidade da Educação de Jovens e Adultos é necessário, portanto, conhecer os sujeitos e as suas memórias para organizar adequadamente os processos de ensino e aprendizagem fornecidos a estes sujeitos, para que possamos, sobretudo,

assumir um compromisso com uma educação de qualidade e não exclusiva – valorizando o sujeito e suas bagagens que fazem parte deste universo chamado “aluno”.

Para Leôncio Soares (2002) o direito a escolarização negada aos sujeitos da EJA é uma dívida do estado brasileiro.

Nesta ordem de raciocínio, a educação de jovens e adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea.

3.3. Caracterização da turma / sala de aula

Os alunos que compõe a alfabetização têm faixa etária entre 21 anos e 87 anos de idade. A maioria é composta por trabalhadores, sendo alguns estão inseridos no mercado formal e outros desenvolvem suas atividades como autônomos: pedreiros, domésticas, serventes, faxineiras eletricitistas, etc.

A maioria não sabe ler e escrever, mas já sabem reconhecer as letras e outros estão no processo pré-silábico. Outros só reconhecem algumas letras do alfabeto e apresentam dificuldades em memorizar o que já foi ensinado. Gostam de expressar suas opiniões, contar suas histórias de vida, relatando suas vivências e dificuldades. São educados, esforçados e altamente solidários uns com os outros. Quanto à matemática, sabem resolver pequenos problemas do cotidiano ou algoritmos com significados concretos. Sabem fazer as “contas” de cabeça, mas apresentam dificuldades em registrar. É uma turma tranquila, amigável e com enorme disposição em assimilar os que lhes é repassado.

A turma é composta por mais mulheres do que homens. A presença masculina se faz somente com nove pessoas. Todos mais velhos, com uma faixa etária que varia dos 19 aos 68 anos. As mulheres em grande maioria são idosas e negras, com idade entre 40 a 80 anos.

A sala é de alfabetização e certificação. Duas alunas, uma de 80 anos e outra de 60 anos, já são alfabetizadas, mas, ainda estão frequentando a turma porque não se adaptaram com os outros professores. E estão com a mesma professora a há quase cinco anos.

Há interação entre idosos, jovens e adultos, a senhora de 80 anos precisa ser levada às 21 horas para o ponto de ônibus, mas as colegas se revezam para esta função. A professora já está a 40 anos como docente e este ano “ela acha que se aposentou”. A sala tem um ambiente comum como em toda escola, as carteiras são dispostas uma atrás da outra. Os mais velhos a frente (as mulheres) cinco fileiras com seis carteiras, dois armários cinzas, a mesa da professora um parapeito, e três janelas com cortinas bege, uma lousa branca para pincel, dois murais um a cada lado da lousa. Sala bem iluminada, um ambiente claro e muito acolhedor, senti ali uma profunda troca de partilha e acolhida. Fui recebida muito bem por todos apenas um aluno se apresentou um pouco resistente a participar das atividades, mas os demais aceitaram muito bem todo o projeto, desenvolvido em sala e também no auditório da escola.

4. ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

4.1 O Desenvolvimento do projeto / Dia a dia

Em conversa com a professora pedi a ela o número de alunos, quantos são masculinos e femininos, idade, tempo de cada aluno na escola. Realizei a pesquisa com os idosos de uma turma dos anos iniciais perguntando a opinião da professora (e pegar os dados). Vou me apresentar para a turma explicando a proposta para eles. Conhecer os alunos começando hoje e terminando amanhã.

Em seu livro *A importância do ato de ler*, Paulo Freire (1982, p.11) nos apresenta o seguinte pensamento “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”.

Se as apresentações não forem finalizadas, continuaremos na aula seguinte. Contar uma história do livro “Leite do Peito: contos” de Geni Guimarães. Vou ler uma ou duas histórias “Primeiras lembranças” páginas 13 a 24.

Alicerce – páginas 69 a 72. Discursão sobre as memórias guardadas e um breve texto coletivo com os alunos feitos no quadro e copiado pelos que conseguem copiar (ou feito por mim e entregue para todos para ser pregado no caderno). Continuar com a atividade do dia anterior.

Reproduzi o filme “O Contador de histórias”. Depois realizamos uma discussão sobre o filme de Antônio Carlos. Criar desenhos feitos pelos alunos sobre os seus sentimentos com a história dos contos.

EU E MINHAS LEMBRANÇAS

Na atividade do primeiro dia me apresentei e procurei saber seus nomes e um pouco deles mesmos. Todos se apresentaram e teve alguns alunos que apresentaram um pouco de resistência em se mostrar e si mantiveram em silencio ou si retiraram da sala de aula. Eles ficaram à vontade para assistir/ficar na sala. A apresentação

aconteceu de uma maneira tranquila e muito rica pois eles falaram sobre si mesmos e ouviram os seus colegas.

Texto escrito coletivamente

Eu e minhas **lembranças**

O **tempo** passa e a gente cresce

Mas nossas lembranças nunca esquecemos

Como por **exemplo**, nossos **brinquedos**.

A **casa** é a nossa maior lembrança

Lembramo-nos da nossa **família** da roça, da **cidade**, **amigos** e vizinhos.

As **comidas** eram deliciosas

Existiam as **roupas**, mas **bonitas** e simples

Lembrança de trabalhar na **roça**, outra lembrança boa são os **amores** do **passado**.

Na primeira aula houve a apresentação da turma e um bate papo informal, cada aluno falou um pouco de si mesmo.

Na segunda aula foi lido e apresentado um conto do livro de Geni Guimarães 1° conto “Primeira lembrança” e o 2° conto “Alicerce” falei sobre a autora, mostrei a foto da mesma e pedi para que todos desenhassem na folha de caderno um desenho de suas lembranças e que os fizessem voltar ao passado, surgiram variadas ilustrações, e pode perceber que eles sentiram necessidade de falar e contar porque fizeram este desenho. Ouvi todas as histórias e notei que algumas eram bem parecidas, com isto percebi que a nossa memória afetiva é muito importante e que as pessoas sentem muitas vezes que estas memórias as movem na jornada da vida, D. Devanira uma senhora de 87 anos sabe ler e escrever, mas, vai à escola por solidão, deixou bem claro em sua fala que hoje ela vive com suas memórias antigas, de como a saudade de tudo vivido por ela quando era menina, moça e adulta dá força para ela continuar a caminhar, ela falou da sua família, dos seus vizinhos, do seu marido, dos filhos e de como se sentiu quando aos 87 anos de idade perdeu seu filho mais velho. Sua figura é linda, uma senhora de cabelo brancos, já encurvada pelos anos, mas com um sorriso largo e acolhedor, anda sozinha e no ano passado viajou de avião pela primeira vez. Na hora de ir embora da escola que acontece às 21:30 sempre encontra uma

companheira para conduzir até o ponto de ônibus que sempre é pego no mesmo lugar e com o mesmo motorista. Já em outra “prosa” boa como dito pelo aluno Everaldo que não sabe ler e tão pouco escrever faz um desenho um pouco diferente e pergunto para ele qual é a memória trazida pelo desenho. Ele um homem forte, negro e de poucas palavras e de uns 50 anos logo dizendo “Eu em casa na roça fazia o trabalho de mulher dentro de casa, minha mãe com uma filharada danada” me colocava até para fazer comida é um dia eu cansado da liga não quis fazer um mingau de fubá, mas a mãe mandava e a gente fazia né. Hoje não é assim, mãe e pai mandavam mais os filhos não fazem nada. Mas então a panela virou no meu pé, queimou tanto que deu um monte de bolha aprendi que não se deve desrespeitar mãe”.

Na terceira aula foi realizada a leitura feita pela D. Devanira e Neide, onde passei no quadro várias palavras, que formaram palavras novas, por exemplo, bonita, amigo, família.

Houve a participação de todos os alunos D. Devanira uma senhora de 87 anos foi a que mais leu e formaram novas palavras a atividade foi passada no quadro e todos copiaram no caderno. Trabalhei também com a divisão das sílabas. Todos se empenhavam e bateram as mãos dividindo as palavras. Mostrei como podemos através de uma palavra formar outras palavras e de como nosso vocabulário é rico.

Em seu artigo *História da Alfabetização: perspectivas de análise*, Maciel nos apresenta o seguinte pensamento “A infantilização de textos e atividades era em muitos casos, ainda persiste – repassada a jovens e adultos, sem levar em conta seus conhecimentos e ciclos de vida, suas experiências e expectativas, seus desejos e suas necessidades em relação ao aprender a ler e a escrever”. Acreditamos que por não existir materiais para alfabetização de Jovens e Adultos, os docentes utilizam materiais destinados a alfabetização de crianças e assim ocorre a infantilização destes materiais. Dificultando, desta forma, uma maior preparação para alfabetização na EJA.

Quando eu circulava no quadro uma sílaba como, por exemplo, da palavra BO NE CA o BO deste pequeno pedaço surgem muitas outras como:

Ou da palavra BO NE CA

Da silaba NI – N

Da silaba TA – TATO

Ou da palavra A MI GO

A – AMOR

MI – MILHO – MIMI

GO – GOLA – GOIABA – GOL

Teve outras palavras indicadas pelos alunos como: CASA/CA – CASO – CARA.

SA – SALA – SAPATO

FA MI LIA

FA – FADA – FATIMA

MI – MINGAU – MINHOCA

LI – LILI – LISA

A – ABOBORA – AMORA

Estas foram as palavras sugeridas por eles (alunos) e também formadas por eles (alunos) as novas palavras. O texto criado coletivamente foi feito um levantamento de desenhos que mostram um mesmo significado para a maioria. Assim, todos foram falando e eu fui escrevendo dando forma as palavras e contorno as frases até surgir um pequeno texto criado por eles.

Magda Soares (2008), em seu livro *Letramento: um tema em três gêneros*, nos apresenta que o alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever e que o letrado é aquele que consegue fazer a percepção do mundo a sua volta, dando significado as práticas sociais. A alfabetização sinaliza a mudança deste indivíduo se posicionar perante a sociedade.

Discussão do filme

Houve também a discussão do filme assistido ontem no auditório. Eles contaram o que assistiram e a parte que mais tocou forte na sua memória. Todos gostaram de ter assistido e de como podemos mudar nossa história. Questionaram a inocência da mãe de Roberto Carlos em achar que na FEBEM o filho teria um futuro melhor. E de como

o sofrimento pode mudar as pessoas, isto fica mais claro no filme quando o menino que era tão sossegado passa a ter um comportamento agressivo e revoltado, com tudo e a todos principalmente em relação a sua mãe. Analisaram também de como a “francesa” assim eles disseram fez a diferença na vida dele e de como o amor pode resgatar as pessoas. O aluno Valdo lembrou que já havia assistido ao filme na empresa Vale do Rio Doce. Pois eles fazem um trabalho de conscientização da rede ferroviária e das linhas de trem.

Comentaram também da agressão sexual sofrida por ele, quando foi abusado e de várias outras ao longo da sua estadia na ⁴FEBEM. E de como é difícil para qualquer ser humano ficar longe de sua família. Houve uma senhora que não pode ir à escola neste dia porque vai na penitenciária de Bicas, visitar o neto, ela relatou que quando vai lá, ela chega em casa passando mal. Pelo sofrimento vivenciado por ela ao ver o neto preso.

Eles riram muito em alguns momentos do filme e faziam comentários sobre as coisas que aconteciam no mesmo. Mas o que me chamou a atenção foi como eles perceberam que a história contada por Roberto Carlos é a história de sua própria vida e de como nossas lembranças (memórias) do passado muitas vezes tristes pode se transformar como ponto de partida para uma vida prospera e promissora.

Para realizar a atividade sobre o filme fui buscar inspiração e conhecimentos na obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire (2018, p.105), na qual cita que “o mundo, agora, já não é algo sobre que se fala com falsas palavras, mas o mediatizador dos sujeitos da educação, a incidência da ação transformadora dos homens, de que resulta a sua humanização”.

Ao iniciarmos este trabalho muitas eram as perguntas e poucas as respostas, questionamos muitas leituras feitas, mas ao mesmo tempo percebíamos que a EJA fez e tem feito muito com os recursos dispendidos para este fim. Na alfabetização de jovens e adultos, vários são os autores lidos para que possamos criar um diálogo

⁴ FEBEM; Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente, anteriormente chamada "Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor", é uma autarquia fundacional criada pelo Governo do Estado de São Paulo e vinculada à Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania.

baseado na história, e acima de tudo no sujeito da EJA, sujeitos estes vindo das camadas mais pobres, os menos favorecidos. Quando pensamos neste ser nos vem na cabeça uma pessoa simplória, abatida e sem sonhos. Paulo Freire no seu livro *Pedagogia dos sonhos possíveis* nos diz que é impossível existir sem sonho. O homem precisa sonhar para ser capaz de se libertar e se tornar um ser esperançoso da sua própria história.

Na *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire afirma que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas. O autor registra que é preciso reconhecer que somos seres condicionados, mas não determinados. Reconhecer que a História é tempo de possibilidades e não de determinismo, que pode ser problemático e não inexorável.

Em seu artigo *Questões de atualidade na educação popular*, Beisiegel (2000, p. 8) nos apresenta em sua reflexão que se considerarmos a constituição federal de 1988, os jovens e adultos em nossos dias atuais continuam ainda sem amparo adequado a atender as suas necessidades para que ocorra de fato a alfabetização.

Em seu livro *Memórias e sociedade: lembranças de velhos*, Bossi (1994) nos apresenta a teoria de que a memória é algo que o indivíduo carrega em sua vida. Esta memória está relacionada com o envolvimento deste indivíduo com a família, meio social, com a escola, com a igreja, enfim, este sujeito pode ou não querer se lembrar das suas relações com estes seguimentos. Assim, ao despertar no sujeito suas memórias afetivas usamos a entrevista, o diálogo, para trazer à tona estas lembranças.

Desta maneira, ao aplicar o projeto numa turma de alfabetização da EJA, percebemos que muitos dos alunos tinham dificuldade em expressar por formas de palavras, gestos ou desenhos as suas memórias afetivas, houve uma certa resistência por parte destes alunos que não se envolveram no desenvolvimento do projeto, ficando a margem do que estava se passando em sala de aula, ou mesmo, se ausentando da mesma. Por outro lado, pude perceber que a grande maioria entendeu, aceitou, participou e se envolveu com o projeto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa feita na Escola Municipal Francisca de Paula localizada na regional oeste, teve como objetivo despertar a memória afetiva dos alunos numa sala de alfabetização nos anos iniciais. Através da pedagogia da autonomia trazida por Paulo Freire a educação através das experiências e vivências ocasiona trajetórias positivas que impulsiona o desejo do alfabetizando pela busca incansável da sua formação.

O sujeito mesmo antes de seu convívio escolar é formado por relações sócio afetivas que contribuem para sua formação enquanto cidadão no meio em que está inserido. Características regionais, familiares, religiosas, culturais, alimentícias e práticas de trabalho para sustento de sua família são fatos determinantes que estão associados a falta de oportunidade escolar. Porém, mesmo com a falta de acesso a escolarização formal esse sujeito torna-se alvo da alfabetização social. Utilizar os aspectos citados possibilita a relação entre o conteúdo de escolarização ao aspecto vivenciado pelo sujeito na construção do ser.

Durante o trabalho de pesquisa não foi encontrado no campo materiais próprios para alfabetização dos sujeitos da EJA, o que acontecia era uma infantilização da alfabetização, onde as profissionais utilizavam conteúdos próprios para alfabetizar crianças na educação de Jovens e Adultos. Com a exploração de metodologias ativas e a pedagogia da autonomia foi possível a produção de materiais afetivos que relacionam conteúdo a ser abordado e experiência de vida, trazendo sensação de pertencimento social, autonomia, conhecimento através de compartilhar experiências, uso da memória construtivista e relações de parcerias de construção de conhecimento.

A proposta final teve como resultado boa aceitação e participação dos envolvidos, além de contribuir em produção de materiais para estudo elaborados pela profissional.

Conversando com os autores referenciados nesta pesquisa e aplicando a minha intervenção pedagógica foi possível concluir que o que trazemos na nossa memória cognitiva, afetiva e social nos torna os educandos que seremos durante toda a nossa

vida. Ao criar texto coletivo feito pela turma, como também as palavras e resgatar as suas memórias, concluímos que a intervenção contribuiu para o desenvolvimento pedagógico em relação a alfabetização destes indivíduos. Dando voz ao que estava guardado no fundo de suas histórias.

Concluímos esta reflexão acreditando que a alfabetização e a memória trilham os mesmos caminhos na EJA.

REFERÊNCIAS

ALFABETIZAÇÃO. In: Dicionário Michaelis. [S.l]: Melhoramentos, 2019. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=Lzmv>> . Acesso em: 02 mar. 2019.

BEISIEGEL, Celso de Rui. Questões de atualidade na educação popular: ensino fundamental de jovens e adultos analfabetos ou pouco escolarizados. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 31, jun., 2000, p. 7-19.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória de senectute e outros escritos autobiográficos**. São Paulo: Campus, 1997.

BOSI, Ecléa. Trajetória de vida de adultos alfabetizados: lembranças de um passado com raras oportunidades de uso da linguagem escrita. In: LUCIO, Iara Silvia. **Os significados da alfabetização e do letramento para adultos alfabetizados**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. p. 80 – 153.

BRASIL. **Portal do Ministério da Educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index.php>>. Acesso em: 02 dez. 2019.

CARVALHO, Rafael Dantas de. **A leiturização como prática de letramento na Educação de Jovens e Adultos**. 2008, 150 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

COSTA, Lindalva dos Santos. **O sujeito da educação de jovens e adultos**: traços de uma história em construção. 2014. 21 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014.

DECLARAÇÃO de Hamburgo sobre educação de jovens e adultos. CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO DE ADULTOS. Hamburgo, 1997. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o-de-adultos:html>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

DURKHEIM, Émile. **Les règles de la méthode sociologique**. Paris: [S.n.], 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed., Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 41.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed., São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1983.

FONSECA, T. N. L (Orgs). **História e Historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GERMANO, José Willington. Resenha de As quarenta horas de Angicos. **Educação & Sociedade**, ano 18, n. 59, agosto, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v18n59/18n59a08.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Paris: PUF, 1956.

MACIEL, F. I. P. História da alfabetização: perspectivas de análise. In: VEIGA, C. G. & FONSECA, T. N. (Orgs.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 227-252.

MORTATTI, M. do R. L. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo 1876/1994. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NORONHA, Ana Catharina Mesquita de; SOARES, Leôncio José Gomes; GOMES, Maria de Fátima Cardoso. **Modos de pensamento de adultos em processo de escolarização na EJA**. 2013. 224 f., Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 2000.

SOARES, Leôncio José Gomes. **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 165 p. (Diretrizes curriculares nacionais).

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**, São Paulo, n. 29, p. 96-100, fev. 2004.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. _____. **Alfabetização e letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VIEIRA, Maria Clárisse. **Memória, história e experiência**: trajetória de educadores de jovens e adultos no Brasil. 2006. 373 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ANEXO 1 - FOTOS DA TURMA

Figura 1 - Turma da EJA da Escola Municipal Francisca de Paula, fotografia 1.

Fonte - Acervo fotográfico de Carmen Lúcia de Cássia Pongelupe Assis.



Figura 2 - Turma da EJA da Escola Municipal Francisca de Paula, fotografia 2.

Fonte - Acervo fotográfico de Carmen Lúcia de Cássia Pongelupe Assis.



Figura 3 - Turma da EJA da Escola Municipal Francisca de Paula, fotografia 3.

Fonte - Acervo fotográfico de Carmen Lúcia de Cássia Pongelupe Assis.



Figura 4 - Turma da EJA da Escola Municipal Francisca de Paula, fotografia 4.

Fonte - Acervo fotográfico de Carmen Lúcia de Cássia Pongelupe Assis.

ANEXO 2 - CAPA DO LIVRO UTILIZADO NAS AULAS

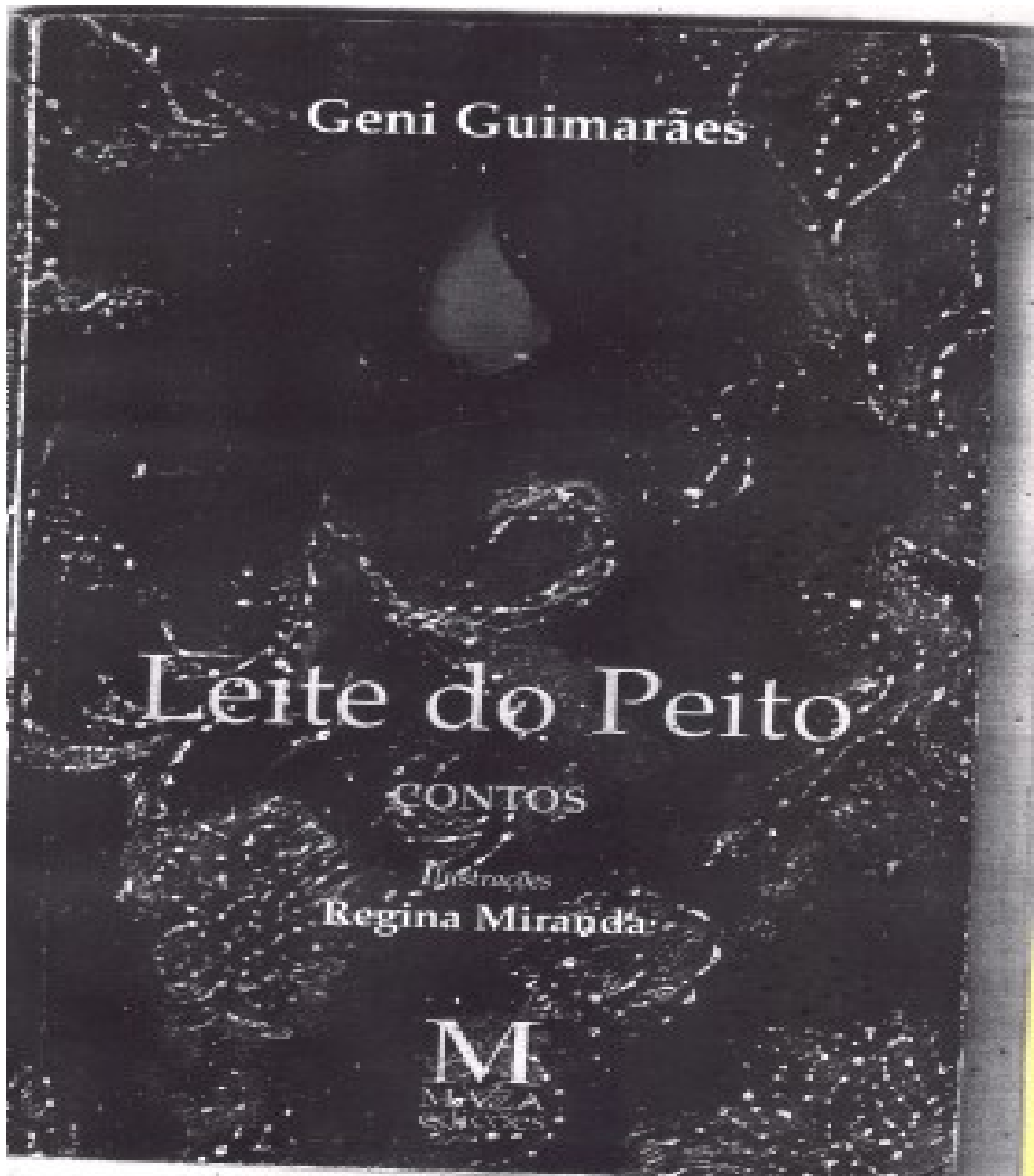


Figura 5 – Capa do livro de Geni Guimarães, Leite do Peito: contos.

Fonte - Acervo fotográfico de Carmen Lúcia de Cássia Pongelupe Assis.

ANEXO 3 - TEXTO COLETIVO CONFECCIONADO PELOS ALUNOS

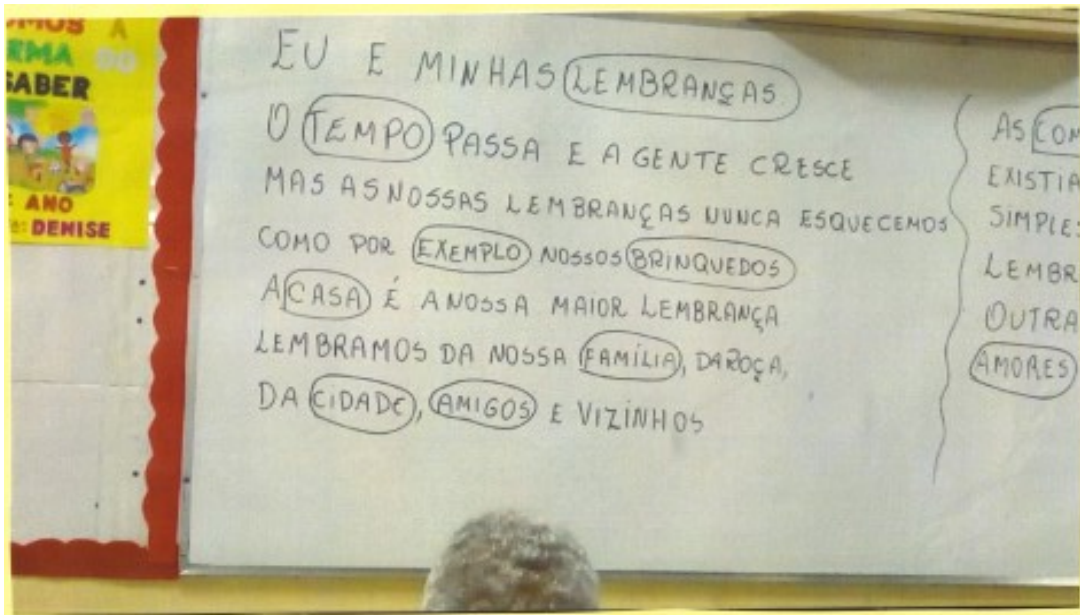


Figura 6 – Construção de texto coletivo realizada pela turma da EJA, fotografia 1.

Fonte - Acervo fotográfico de Carmen Lúcia de Cássia Pongelupe Assis.

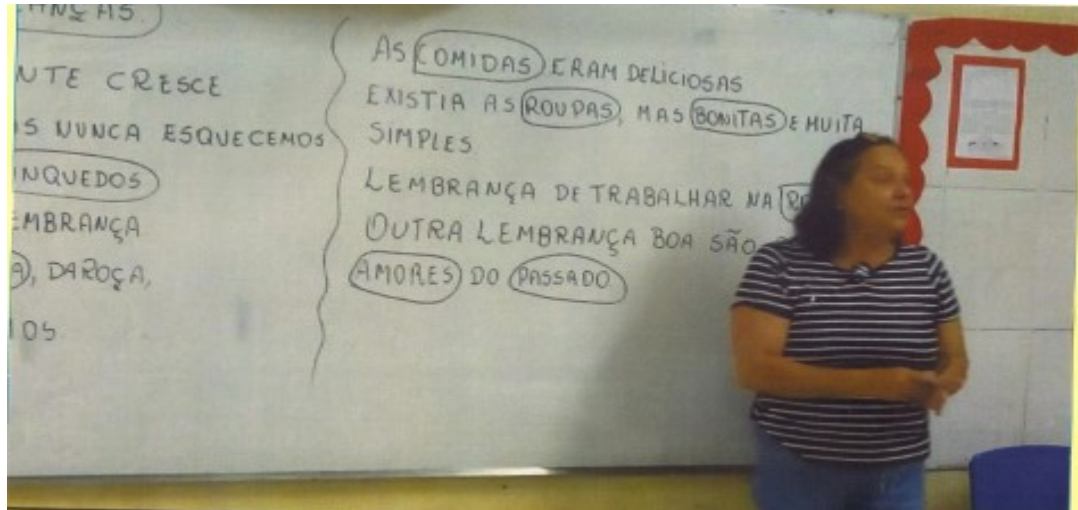


Figura 7 – Construção de texto coletivo realizada pela turma da EJA, fotografia 2.

Fonte - Acervo fotográfico de Carmen Lúcia de Cássia Pongelupe Assis.

ANEXO 4 - DESENHO DA MEMÓRIA AFETIVA

Figura 8 – Desenho criado por senhora aluna da EJA retratando uma lembrança de infância.

Fonte - Acervo fotográfico de Carmen Lúcia de Cássia Pongelupe Assis.

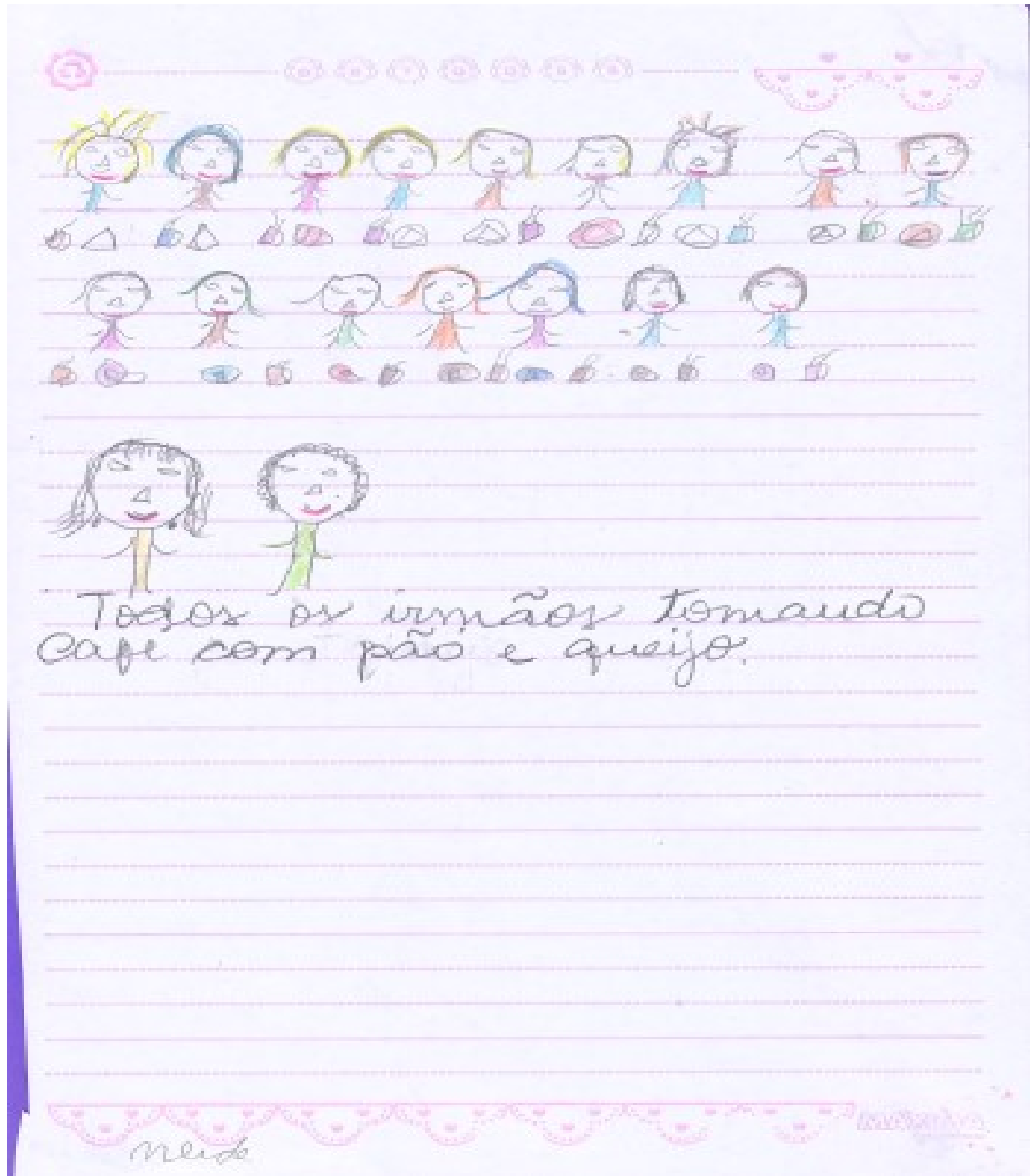


Figura 9 – Desenho criado por senhora aluna da EJA que retratou sua família.

Fonte - Acervo fotográfico de Carmen Lúcia de Cássia Pongelupe Assis.



Figura 10 – Desenho criado por senhora aluna da EJA retratando a lembrança da sua mãe.

Fonte - Acervo fotográfico de Carmen Lúcia de Cássia Pongelupe Assis.

ANEXO 5 – FORMULÁRIO DE AUTORIZAÇÃO



LASEB
Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 09 de março de 2019.

Prezada/o professor/a

O(a) Prof.(a) _____ desenvolverá, na Escola _____, um projeto relacionado a seu trabalho final de curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Este trabalho será orientado por professores da UFMG e seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos sua colaboração em entrevistas e outros dados necessários ao projeto e autorização para uso de seus relatos.

Atenciosamente,


Vanessa Sena Tomaz

Coordenadora Geral do Curso

Orientador(a) do trabalho

Autoriza uso de imagens e vídeos que possam ser gerados no referido trabalho?

sim () não

De acordo.

Assinatura da/o professor/a

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 8627 - Sala 1889 - Pampulha - Belo Horizonte - Minas Gerais 31.270-901 - Fone: (31) 3409-8389
Fax: (31) 3409-5211 - laseb@fae.ufmg.br | www.fae.ufmg.br/laseb

Figura 11 – Formulário de autorização.

Fonte – LASEB/ UFMG.